REVISTA
PATRIMÔNIO E MEMÓRIA

Inês El-Jaick Andrade
Doutora em Arquitetura e Urbanismo
Fundação Oswaldo Cruz
ines.andrade@fiocruz.br

Débora El-Jaick Andrade
Doutora em História
Universidade Federal Fluminense
debandrade.andrade54@gmail.com

OS INUMERÁVEIS: DISCUSSÃO SOBRE O PAPEL DE MEMORIAIS COMO FOMENTADORES DE MEMÓRIA DA PANDEMIA COVID-19

Resumo

Esse artigo discute o papel de memoriais enquanto fomentadores de memória. Identifica e analisa iniciativas de mesmo propósito nacionais e internacionais voltadas para a rememoração do evento traumático ocorrido na história recente: a pandemia Covid-19. Causada pelo vírus SARS-CoV-2, a doença respiratória foi inicialmente detectada após a notificação de um surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019. Após três anos, em 05 de maio de 2023 foi anunciado o fim da emergência global pela OMS, mas a pandemia deixou marcas profundas. Ao longo dos últimos anos, diversos memoriais foram inaugurados em cidades de grande ou médio porte pelo Brasil e pelo mundo com o propósito de fomentar a memória. Memoriais têm sido uma forma de marcar coletivamente o fim de um evento devastador, que nem sempre está superado. As práticas memoriais em análise são representativas das múltiplas maneiras de vivenciar o luto coletivo. Compreende-se que essas práticas podem assumir papel vital para a problematização de questões e dilemas que impactaram no combate da pandemia Covid-19 e provocar reflexão para mudanças. Portanto, a interação das pessoas com memoriais da Covid-19 pode transformar estes locais em sítios poderosos e significativos – sítios de consciência.

Palavras-chave: pandemia Covid-19, monumentos, memória, patrimônio cultural, sítio de consciência.

THE INNUMERABLE: DISCUSSION ON THE ROLE OF MEMORIALS AS PROMOTERS OF MEMORY OF THE COVID-19 PANDEMIC

Abstract

This article discusses the role of memorials as promoters of memory. Identifies and analyzes national and international initiatives with the same purpose aimed at remembering the traumatic event that occurred in recent history: the Covid-19 pandemic. Caused by the SARS-CoV-2 virus, the respiratory disease was initially detected after the notification of an outbreak in Wuhan, China, in December 2019. After three years, on May 5, 2023, the end of the global emergency was announced by the WHO, but the pandemic left deep marks. Over the past few years, several monuments have been inaugurated in large or medium-sized cities across Brazil and the world with the purpose of promoting memory. Memorials have been a way of collectively marking the end of a devastating event, which has not always been overcome. The memorial practices under analysis are representative of the multiple ways of experiencing collective mourning. It is understood that these practices can play a vital role in problematizing issues and dilemmas that impacted the fight against the Covid-19 pandemic and provoking reflection for change. Therefore, people's interaction with Covid-19 memorials can transform these places into powerful and meaningful sites – sites of conscience.

Keywords: Covid-19 pandemic, monuments, memory, cultural heritage, site of conscience.

INTRODUÇÃO

O direito à memória, associado a lutas políticas e sociais, não é uma reivindicação nova na América Latina. Faz parte das medidas da justiça de transição e consiste nas políticas de esclarecimento dos fatos e de homenagem aos perseguidos, a partir da edificação ou definição de lugares de memória (Teles, Quinalha, 2020, p. 22). Entre as décadas de 1960 e 1980, regimes autoritários na região foram responsáveis por graves violações aos direitos humanos que provocaram danos simbólicos que perduram ainda na atualidade. A conversão de locais que foram cenários destas violências em sítios de consciência[1] (*sites of conscience*), formalmente reconhecidos como tais pelos Estados, integra o processo de reparação coletiva a que grupos sociais fazem jus. Para Quadrat e Silva (2021), a identificação e recuperação desses lugares no período democrático, a (re)construção de novos sentidos para o passado e seus usos políticos, envolvem disputas de memórias e embates políticos e sociais.

Atualmente, ao lado da legitimação dos sítios de consciência, integra a agenda de lutas, a patrimonialização de memórias, acervos e edifícios ligados à história de outros eventos traumáticos, inclusive em contextos históricos distintos, como escravização e genocídios. Sob uma perspectiva decolonial, a reivindicação pela visibilidade e ressignificação de memórias dolorosas e das estratégias de rememoração - os memoriais[2]- escolhidos para representá-las constituem uma demanda atual, mas o direito à memória permanece um campo de disputas dos grupos sociais. Memoriais são monumentos[3] e, como tais, têm

[1] Sítios de consciência entrelaçam uma nova concepção de patrimônio cultural com a perspectiva da defesa dos direitos humanos. Segundo Naidu (2010, p.9): “Um sítio de Consciência é um lugar de memória - um local histórico, museu de base local ou memorial - que confronta tanto a história do que aconteceu no local quanto suas implicações contemporâneas”. Ele previne, assim, o apagamento de memórias traumáticas, ao mesmo tempo capacitam os visitantes a fazerem conexões entre o passado e temas contemporâneos a ele relacionados. É, a partir da segunda década do século XXI, com a constituição da Rede Latino-americana e do Caribe de Sítios de Memória, que a noção de sítios de consciência passa a ser aplicada no Brasil de forma mais sistemática (Cymbalista, 2021).

[2] O termo memorial será utilizado neste artigo para referenciar monumentos de rememoração dedicados a lembrar e refletir sobre eventos trágicos, marcados por sofrimento coletivo, tais como pandemias. Voltados para a reflexão e acolhimento, na contemporaneidade os memoriais têm frequentemente representado memórias silenciadas ou negadas por narrativas de poder tradicionais.

[3] Monumentos exercem a função de rememoração e são caracterizados por Le Goff (2003) como tendo desde a antiguidade duas especificidades: os monumentos comemorativos e/ou monumentos funerários. Contudo, afirma que sua característica está relacionada com a capacidade que as sociedades históricas possuem de ligarem-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária. Portanto, monumentos servem como estruturas físicas e públicas para comemorar indivíduos, eventos e conceitos significativos, atuando como ferramentas para preservação da memória, identidade e unidade da comunidade.

exercido um papel importante na celebração e formação da memória coletiva, atuando em diferentes dimensões – tanto na rememoração, na educação e na estética. Para discutir o papel de memoriais enquanto fomentadores de memória, a investigação debruça-se em monumentos de rememoração vinculados a arte pública dedicados a recordar as consequências traumáticas da pandemia da Covid-19.

A análise desenvolvida neste artigo contempla sete memoriais dedicados às vítimas da pandemia de Covid-19, selecionados com base em sua diversidade geográfica (Uruguai, Brasil, Estados Unidos e Inglaterra), formal, institucional e classificados conforme três abordagens estéticas predominantes: memoriais figurativos, memoriais abstratos e memoriais temporários. Foram excluídos desta investigação homenagens que se limitavam a placas ou monumentos erguidos em edificações. Os dados foram obtidos por meio de análise documental, com foco em notícias e reportagens veiculadas na mídia, que permitiram identificar o contexto de criação, os discursos mobilizados e a recepção pública dos memoriais.

Muitas iniciativas investigadas têm caráter singelo, como a intervenção em um muro pré-existente, outras seguem as premissas de monumentos de rememoração convencionais. Todas as iniciativas, contudo, tem o propósito de fomentar a memória em sua dimensão de reivindicação. A maioria dos memoriais às vítimas fatais de Covid-19, aqui apresentados, foram propostos pelos poderes executivo e legislativos locais, mas também foram incluídas iniciativas de instituições e organizações não governamentais.

O artigo está dividido em seções temáticas. A primeira aborda como os monumentos-catástrofe se consolidaram no campo do patrimônio cultural como forma de lidar com traumas históricos. A segunda reflete como a arquitetura pode contribuir para o acolhimento, focando no estudo de caso do projeto arquitetônico não construído do Memorial da Covid-19 em Montevidéu (Uruguai). Nas três seções seguintes são apresentadas estratégias de rememoração formais e simbólicas adotadas em memoriais para converter o trauma em arte pública. E, nas considerações finais defende-se a importância de manter a memória da pandemia como forma de responsabilização e transformação social.

PATRIMONIALIZAÇÃO DE MEMÓRIAS DOLOROSAS

A expressão lugares de memória, atribuída ao historiador francês Pierre Nora é parte do repertório de referências sobre o tema. A noção de lugares de memória de Nora (1993) como uma construção histórica foi apropriada e disseminada por historiadores e cientistas sociais (Abreu, 2005) e amplamente empregada na atualidade nos debates teóricos que envolvem patrimônio cultural, história e memória coletiva. Para Nora (1993) esses lugares seriam repositórios de memória, isto é, representantes de suportes materiais que consolidam e protegem a memória de um grupo contra o esquecimento. É a intenção memorialista que constitui o lugar de memória e garante sua identidade. Da mesma maneira, pode-se remeter aos lugares de memória significativos que representam vivências dolorosas de uma dada coletividade.

> [...] os lugares de Memória — lugares onde ocorreram os acontecimentos ou que, por algum motivo, estão vinculados a tais acontecimentos— são espaços para recuperar, repensar e transmitir certos fatos traumáticos do passado, e podem funcionar como suportes ou propagadores de memória coletiva. São lugares que buscam transformar certas marcas a fim de evocar memórias e torná-las inteligíveis ao situá-las no contexto de um relato mais amplo (IPPDH, 2012, p.5).

Memoriais, ou ainda, monumentos catástrofe[4] têm sido uma forma de marcar coletivamente o fim de um evento devastador, que nem sempre está superado. Para Oliveira (2021), os monumentos catástrofes são um fenômeno que se difundiu após a Segunda Guerra Mundial. Essa nova estratégia de rememoração está ligada à profunda mudança na forma como as sociedades passaram a lidar com a memória, o trauma e a história recente. Nesse contexto, é um marco histórico nas políticas globais de patrimonialização a inclusão à Lista do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau (Polônia) em 2002.

Desde a década de 1970 a Unesco tinha incluído bens que podem ser associados a memórias difíceis, como, Ilha de Goré, no Senegal, considerado o maior centro de tráfico de africanos escravizados. No entanto, até aquela data

[4] Monumentos catástrofes são monumentos produzidos como homenagem às vítimas de uma tragédia, intencionalmente criados para transformar a catástrofe em representação estética. A potencialidade analítica destes monumentos é objeto de estudos no Brasil por pesquisadores como Márcio Seligmann-Silva e Eliézer Cardoso Oliveira.

não era reconhecida a associação com eventos dolorosos e traumáticos, enquadrada como sítio histórico sensível[5].

Na atualidade, outros bens listados são caracterizados como sítios históricos sensíveis, tais como o Memorial da Paz em Hiroshima (Japão) em 1996, que relembra o lançamento da bomba atômica sobre esta cidade japonesa, a Robben Island (África do Sul) em 1999, local onde o líder sul-africano Nelson Mandella permaneceu preso por sua luta contra o apartheid. Em 2017, o Cais do Valongo (Rio de Janeiro, Brasil) somou-se aos locais de memória e sofrimento reconhecidos pela Unesco. O título de Patrimônio Mundial por sua associação com eventos dolorosos e traumáticos também reconhece o valor universal excepcional do local, como memória da violência contra a humanidade representada pela escravidão, e de resistência, liberdade e afirmação. A organização internacional também considerou o sítio arqueológico como parte da Rota dos Escravos, sendo o primeiro lugar no mundo reconhecido. O Sítio Arqueológico do Cais do Valongo não só representa o principal cais de desembarque de africanos escravizados em todas as Américas, como é o único que se preservou materialmente.

Já no ano de 2023, o Museu Sítio de Memória Esma (Escuela de Mecánica de la Armada), que funcionou como centro clandestino de detenção, tortura e extermínio na Argentina durante a ditadura civil-militar de 1976-1983, foi adicionado à Lista do Patrimônio Cultural do Mercosul e à Lista do Patrimônio Mundial da Unesco. No âmbito regional, esse foi o primeiro sítio de consciência a integrar o grupo de bens culturais aprovado pelo Conselho de Ministros da Cultura do Mercosul[6]. Nesse duplo reconhecimento, a ESMA passa a simbolizar os espaços de repressão ilegal exercida contra os opositores dos regimes autoritários que dominaram a América Latina nas décadas de 1970 e 1980.

O suporte material é a força motriz de sítios e memoriais de eventos catastróficos que cumprem desempenhar a função do não esquecimento. Portanto, uma outra dimensão da questão é de como representar os

[5] São referenciados como sítios históricos sensíveis locais associadas ao sofrimento, à exceção, encarceramento, segregação, punição e morte (Logan, Reeves, 2009 apud. Meneguello, Pistorello, 2021). Podem, ainda, ser caracterizados como patrimônios difíceis ou sombrios (Meneguello, 2020).

[6] Criado em 2012, a lista de bens culturais chancelados pelo Mercosul foi idealizada para reconhecer exemplares julgados como de relevância regional, partindo da ideia de que tais bens representam elementos que ajudam a entender os valores, princípios e referências compartilhados entre os povos da região (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai).

desaparecidos, o trauma e o horror (Jelin, Langland, 2003). Nos Estados Unidos foi inaugurado em 2018 o Memorial Nacional pela Paz e Justiça, no Estado do Alabama, um dos principais estados sulistas que apoiava a manutenção da escravidão durante a Guerra Civil norte americana e berço da organização racista e de extrema direita Ku Klux Klan. Foi concebido com o objetivo de criar um espaço para reflexão sobre a desigualdade racial que acarretou linchamentos e de enforcamentos de pessoas negras entre 1877 e 1950. Seu projeto expositivo é vigoroso por conseguir afetar os visitantes, contando com grupos escultóricos figurativos de extrema beleza e recursos variados. Essa atribuição está intrinsecamente associada ao monumento catástrofe, pois, como destaca Oliveira (2021, p.237), ele “carrega em si uma imagem dialética que o relaciona a barbárie e ao estético”.

Para além de sua composição estética, monumentos catástrofes também podem despertar ódio e repulsa por aqueles que se sentem atingidos. As rusgas podem ser profundas, ao ponto de gerar conflitos entre autoridades, como ocorreu a partir da instalação do grupo escultórico “Coluna de força das mulheres” erguido em 2018 em São Francisco (Estados Unidos). A cidade japonesa de Osaka anunciou o rompimento do acordo de cooperação mútua que tinha com São Francisco, uma relação de mais de 60 anos. O monumento que motivou a discórdia é formado por 4 figuras femininas em bronze que representam "mulheres de conforto", jovens mulheres sequestradas e forçadas a trabalhar em prostíbulos controlados pelas forças armadas imperiais japonesas durante a Segunda Guerra, entre 1931 e 1945. Essas escravas sexuais, que chegaram a 200 mil mulheres, tinham como procedência a China, Filipinas e Coréia e outros países da Ásia-Pacífico. No entanto, o Japão ainda hoje contesta a dimensão e a extensão dos danos causados pela violação aos direitos humanos dessas vítimas.

Algumas formas de arte pública podem, apesar de singelas, reverberar e influenciar outros grupos, como é o caso do artista plástico berlinense Gunter Demnig, idealizador do “Stolpersteine” (“pedras-obstáculo”). Desde o início dos anos 1990, o artista coloca, nas ruas de cidades da Alemanha, pequenas pedras cobertas com uma placa de bronze com o nome de vítimas do nazismo. Inspirados nessa intervenção, o coletivo Memoria de la Resistencia (Uruguai), em parceria com a Prefeitura de Montevidéu, criou o projeto “Marcas de La Memória” (2013) que consiste na colocação de placas de sinalização e bancos para permanência elaborado pelo Instituto de Diseño de la Facultad de

Arquitectura, para denunciar e marcar os lugares em que ocorreram violações aos direitos humanos pela ditadura cívico-militar uruguaia (1973-1985).

Convém destacar que, esses memoriais contemporâneos atuam em uma dupla finalidade memorialística e de reparação (Torre, 2006). São, logo, a materialização no espaço público das memórias difíceis com a finalidade de atuar como espaços de aprendizagem e de consciência. Como destaca Oliveira (2021), esses memoriais funcionam como instrumentos para narrar uma determinada história trágica. As catástrofes só se tornam compreensíveis por meio da narrativa, de maneira que as suas histórias possam ser assimiladas. Essas narrativas, em geral, carregam uma legitimidade institucional ou social por serem consequência de reivindicações da sociedade organizada.

A patrimonialização desses lugares – por meio de monumentos de arte pública ou locais protegidos - pode ser uma estratégia para promover na sociedade a lembrança dos crimes do passado, atribuindo um valor reparatório por atuar na luta contra a impunidade à medida que favoreçam a compreensão dos acontecimentos históricos e deêm um novo significado para o espaço.

Pode-se incluir dentro da categoria de patrimônio difícil, os espaços de luto associados ao evento traumático de origem sanitária que atingiu o mundo e o país: a pandemia Covid-19. Causada pelo vírus SARS-CoV-2, a doença respiratória foi inicialmente detectada após a notificação de um surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019. Tratava-se de uma nova cepa de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos.

A pandemia de Covid-19, assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020, foi considerada uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Rapidamente espalhou-se pelos continentes e no Brasil. A facilidade de transmissão, ampliada pela negligência política e obscurantismo, no caso brasileiro, acarretou, segundo dados oficiais, na infecção de mais de 37 milhões de pessoas até setembro de 2023 (Ministério da Saúde, 2023). Cerca de 705.494 casos de óbito foram notificados.

Vale destacar, contudo, que a Covid-19 não foi a primeira experiência de luto ampliado que marcou o Brasil e o mundo. A Gripe Espanhola, causada pelo vírus influenza, causou cerca de 50 milhões de mortes no mundo, mas poucos são os monumentos de arte pública voltados para rememorar. No Brasil, enfrentamos a pandemia (gripe A, AIDS); epidemias (varíola, gripe H1N1); as

endemias (febre amarela, malária), os desastres ambientais (Mariana e Brumadinho), dentre outras marcantes em nível de sofrimento e com grande representatividade em escala global (Oliveira et al, 2020). A Covid-19, no entanto, propiciou uma aparente experiência coletiva.

ARQUITETURA E ACOLHIMENTO

Em 2022, foi concedido o primeiro lugar na categoria "Memorial Architectural Design" pelo International Architecture Award[7] ao projeto de um memorial mundial da pandemia global da Covid-19, elaborada pelo escritório internacional de arquitetura Gómez Platero para ser edificado em Montevidéu, no Uruguai. O projeto conceitual intitulado *"World Memorial to the Pandemic"* tinha sido apresentado e aprovado pelo Presidente da República do Uruguai, Luis Lacalle Pou (2020-2024), em agosto de 2020. Também recebeu a aprovação da Comissão Uruguaia do Patrimônio Cultural da Nação, em outubro do mesmo ano.

O memorial idealizado estaria localizado no passeio marítimo de Puerto del Buceo, sobre o mar. O espaço do memorial contaria com 1.200 metros quadrados e teria a capacidade de receber 300 pessoas de uma só vez. Foi concebido como uma estrutura de concreto armado em disco côncavo horizontal, cujo centro vazado revelaria a visão de rochas e ondas. Uma longa passarela de pedestres, partindo um cais existente naquele local, conduziria os visitantes ao memorial[8]. Esse afastamento teria como propósito, segundo Platero (2021), de afastar intencionalmente e gradualmente o visitante dos sons e imagens da vida urbana até que este estivesse totalmente imerso na presença da natureza.

> Ao criar um memorial capaz de ativar sentidos e memórias desta forma, podemos lembrar aos nossos visitantes — como fazem as pandemias — que nós, como seres humanos, estamos subordinados à natureza e não o contrário. (Platero, 2021).

[7] O International Architecture Award é uma premiação organizada pelo Chicago Athenaeum, um coletivo constituído pelo Museu de Arquitectura e Design e pelo Centro Europeu de Arquitectura, Arte, Design e Estudos Urbanos.

[8] Um conjunto de plantas, cortes e perspectivas do anteprojeto arquitetônico podem ser consultadas no site do escritório Gómez Platero Architecture & Urbanism: https://www.gomezplatero.com/en/project/world-memorial-to-the-pandemic-a-space-that-pays-tribute-to-life-and-nature/. Acesso: 10 set. 2025.

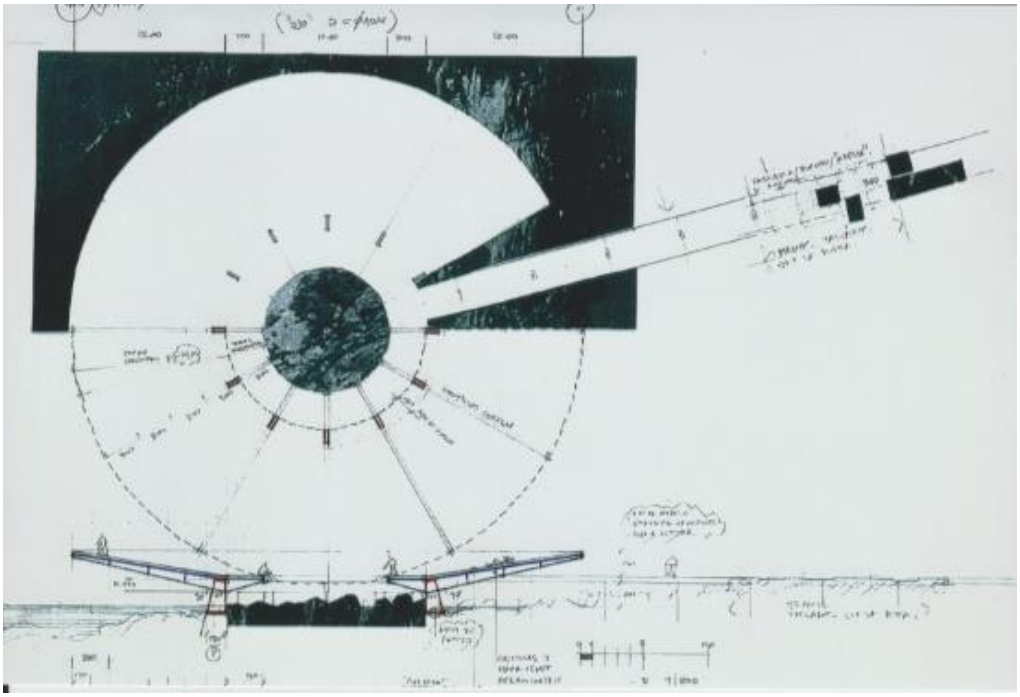

Figura 1. Projeto do World Memorial to the Pandemic, autoria de Gómez Platero. Fonte: Cortesia de Gómez Platero. Disponível em: https://www.gomezplatero.com/en/project/world-memorial-to-the-pandemic-a-space-that-pays-tribute-to-life-and-nature. Acesso em: 10 set. 2025.

Essa iniciativa configura-se como o projeto do primeiro memorial de grande escala à pandemia, o qual tinha a previsão de construção em 5 meses, contudo, até o momento, sua execução não foi iniciada. Com o afastamento da memória da pandemia, talvez nunca chegue a ser erguido.

Apesar de não ter sido concretizado, a iniciativa ilustra um grupo de memoriais que tinha até então pouca projeção. Os monumentos tradicionais homenagearam durante séculos importantes líderes políticos e veteranos de guerra, raramente os governos dedicam memoriais às vítimas de uma doença. Ao contrário da pandemia de vírus influenza de 1918 e 1919, a “Gripe espanhola”, para cujas vítimas não chegaram a ser erguidos memoriais de relevância como já citado[9], percebe-se uma profusão de propostas de edificações de memoriais ao redor do mundo voltados para a pandemia de Covid-19. Pode-se vislumbrar que a falta de memoriais tenha em alguma parte contribuído para uma amnésia em massa (Segal, 2020) no que diz respeito a doença, o que por sua vez pode ter contribuído para a falta de preparação para a pandemia do coronavírus.

A pandemia deixou marcas profundas no Brasil e em todo o mundo. O processo de luto, é a resposta característica à perda, isto é, o processo de sua elaboração (Dunker, 2019). No entanto, devido à pandemia, muitas atividades

[9] Cabe destacar a existência de iniciativas isoladas e particulares em cemitérios. Alguns obeliscos e placas erguidos na primeira metade do século XX incluem as fatalidades pela gripe às baixas da primeira guerra mundial.

pararam, especialmente aquelas envolvendo relações humanas, forçando adaptações que muitas pessoas não estavam preparadas para processar os acontecimentos.

Assim, as consequências decorrentes da quarentena sobre os aspectos psicológicos e bem-estar foram fortemente sentidas e refletidas no processo de luto e na interdição dos rituais de luto. Convém trazer uma reflexão de Edgar Morin sobre a importância dos rituais fúnebres para as sociedades: “Não existe praticamente qualquer grupo arcaico, por muito “primitivo” que seja, que abandone os seus mortos ou que os abandone sem ritos” (Morin, 1970, p.25). As práticas que acontecem no pós-morte, estão relacionadas à forma como as sociedades significam o tema do morrer e também como processam as perdas. Faziam parte do cotidiano da sociedade brasileira das cidades, a prática do velório como uma atividade social necessária nesse processamento.

Portanto, o luto foi adiado devido ao isolamento e foi também ampliado para uma esfera coletiva. Perdas repentinas de entes e/ou amigos queridos, famílias desestabilizadas pelo desemprego são alguns dos desdobramentos da maior crise sanitária mundial da nossa época. A insegurança diante da ameaça invisível do vírus e a falta de perspectiva de “fim” da pandemia submetem todos a este luto coletivo.

Os memoriais são exemplos de arte pública, cujo papel no envolvimento cívico e na memória coletiva são cruciais, pois são formas urgentes de rememoração. De meados de 2020 a 2023, diversos memoriais foram inaugurados em cidades de grande ou médio porte pelo Brasil e pelo mundo. Dentre os vários meios de memória mortuária identificados na pesquisa, foram escolhidos para a presente reflexão exemplares em que foram aplicados diferentes recursos para ativar a lembrança: Memoriais figurativos; Memoriais abstratos; e Memoriais temporários.

MEMORIAIS FIGURATIVOS

O memorial as vítimas de Covid-19 intitulado “*United We Stand. Divided We Fall*” (“Unidos Nós Permanecemos. Divididos, caímos”) é um projeto da escultora Amanda Mathews e foi uma iniciativa do governo do estado do Kentucky (EUA), sendo financiado por organizações de saúde e doações (Ladd, 2023). Sua inauguração ocorreu em maio de 2023. Voltado para homenagear a memória de todos aqueles que perderam seus entes queridos

para a Covid-19, o monumento está localizado dentro do Monument Park no Kentucky.

Está conformado por uma pequena praça, com um grupo escultórico no centro. Apresenta uma esfera reflexiva com a inscrição do título da escultura e do lema do estado. Um pilar que representa a força de trabalho dos cuidados de saúde e outros trabalhadores da linha da frente apoia-o. Ao redor da esfera estão figuras – incluindo uma bailarina, uma criança, uma mulher grávida[10]. Comum a cada figura, além de segurarem pequenos globos prateados, é um buraco perceptível na base do pescoço e na parte superior do peito. Em cada uma dessas cavidades foi colocado um pequeno sino. Esse espaço vazio, para a artista, representa a dor e o desespero indescritíveis pela perda dos entes queridos, parentes e amigos. Luzes brancas iluminam o memorial durante a noite. Também foram acionadas luzes verdes, que representariam a empatia, pois estão associadas com o fato de muitas pessoas da localidade durante a pandemia acenderam luzes verdes em suas varandas à noite (Brínez, 2023).

Figura 2. Memorial as vítimas de Covid-19 “United We Stand. Divided We Fall”. Fonte. Kentucky Lantern, 2023. Disponível em: https://kentuckylantern.com/2023/05/24/kentucky-officially-unveils-covid-19-memorial-in-frankfort/. Acesso: 10 set.2025.

O memorial guardava um outro propósito, segundo a administração local, esperava-se que com o memorial a população adulta do Kentucky fosse encorajada a receber um dos três reforços de vacinação Covid-19. Em maio de 2023, os dados oficiais do Centers for Disease Control and Prevetion (CDC)[11] indicavam que apenas 59,7% da população tinha sido vacinada com três

[10] O processo de concepção do conjunto escultórico está registrado no site do estúdio da artista, Amanda Matthews & Brad Connell - Prometheus Art Studio. Disponível em: https://www.prometheusart.com/covid-memorial-state-of-kentucky. Acesso em: 10 set. 2025.

[11]Dados do CDC podem ser acessados em: https://covid.cdc.gov/covid-data-tracker/#vaccinations_vacc-people-additional-dose-totalpop.

doses, um ano depois o porcentual aumentou para 69,1%. Convém observar que, diferente de outras realidades, nos Estados Unidos a oferta de vacinas teve uma rápida e ampla oferta, sendo que as vacinas Covid-19 foram disponibilizadas pela primeira vez em dezembro de 2020 e eram gratuitas. No geral, a campanha de vacinação nos EUA pode ser considerada pouco efetiva, pois somente cerca de 69,5% da população norte-americana tinha sido totalmente imunizada contra a Covid-19 em 2022.

Já o projeto do Memorial coronavirus de Barnsley (South Yorkshire, Inglaterra), denominado de "*Reverence"* ("Reverência"), foi proposto pelo escultor Graham Ibbeson que ofereceu seu trabalho gratuitamente a Prefeitura (Finan, 2021). Foram criadas sete figuras humanas de bronze representando os trabalhadores de Barnsley e do País dispostas em grupo em cima de um pedestal em espaço público no centro comercial da cidade, o Glass Works Square. A proposta do artista foi retratar pessoas comuns de diferentes idades e de uma variedade de profissões: uma menina, um homem idoso, um voluntário, um enfermeiro, um cuidador, um policial e um professor[12]. A escultura figurativa está distribuída equilibradamente, tendo em primeiro plano a criança, que insinua movimento, e parece ter a tarefa de conduzir o grupo em uma direção. Para Ibbeson, os trabalhadores, como grupo, estão muito sub-representados na arte pública de seu país, contudo ele reconhece que foram esses os verdadeiros heróis da pandemia (LOCKBUND SCULPTURE FOUNDRY, 2023).

Figura 3. Grupo escultórico *Reverence* (reverência) de autoria do escultor Graham Ibbeson. Fonte. 2ebill/ Alamy, sem data.

[12] Detalhes do processo de fundição do conjunto escultórico e um documentário, que registra como foi concebido o projeto, pode ser conferido no site da Lockbund Foundry. Disponível em: https://www.lockbundsculpturefoundry.co.uk/barnsleycovidmemorial. Acesso em: 10 set. 2025.

O grupo escultórico foi implantado na praça Glass Work e recebeu um pedestal com um poema do conterrâneo o poeta Ian McMillan “O amor feroz de Barnsley mantém você para sempre em seu coração”, que decoram o pedestal. A intenção dos envolvidos na implementação da obra foi um desejo unânime de entregar um projeto duradouro que demonstrasse claramente o senso de comunidade, resiliência e gratidão de Barnsley (COVID MEMORIAL SCULPTURE..., 2021).

MEMORIAIS ABSTRATOS

Memorial em Homenagem às Vítimas da Covid-19, em Rio Branco (Acre) foi construído nas dependências do Instituto de Traumatologia e Ortopedia do Acre (Into-AC), o qual foi o maior hospital público de referência no tratamento da doença no estado que funcionou como hospital de campanha da pandemia. Foi inaugurado em 2022 pelo governo do Estado. A obra tinha como proposta original[13] construir uma fonte luminosa (três elementos cilíndricos semelhantes a árvores) e levar os nomes de todas as vítimas da doença (Amaral, 2021), mas o projeto sofreu mudanças substanciais.

O projeto executado conta com uma estrutura coberta por marquise sustentada por duas colunas onde estão gravados os nomes dos pacientes e profissionais da saúde vítimas da Covid-19, no Acre. Uma escultura quadrada em formato de torre, revestida com chapa metálica perfurada em toda sua extensão, integra o conjunto do memorial. À noite, o memorial recebe uma iluminação especial. A escultura em formato de torre possui uma fonte de iluminação em seu interior que, quando ligada, projeta a iluminação através das pequenas perfurações circulares, cujo objetivo é representar cada homenageado. O projeto arquitetônico, assim como a execução da obra estiveram sob a responsabilidade da Secretaria de Estado de Infraestrutura[14] (Moraes, 2022).

[13] Um primeiro projeto arquitetônico do memorial foi divulgado pela Agência de Notícias do Acre em 2021. Disponível em: https://agencia.ac.gov.br/editando-governo-vai-criar-memorial-em-homenagem-as-vitimas-da-covid-19/. Acesso: 10 set.2025.

[14] O projeto executado está situado nas margens do Lago do Amor. No site da Agência de Notícias do Acre é possível conferir a aparência e o andamento das obras de construção do memorial. Disponível em: https://agencia.ac.gov.br/governo-realiza-ultimos-detalhes-para-a-entrega-do-memorial-as-vitimas-da-covid-19/. Acesso: 10 set. 2025.

Figura 4. Memorial às Vítimas da Covid-19 inaugurado no Acre. Fonte. Marcos Vicentti/Agência de Notícias do Acre, 2022.

Um outro monumento de expressão artística abstrata concebido para homenagear as vítimas da Covid-19 foi inaugurado em 2020 na cidade do Rio de Janeiro. A autoria é do Coletivo Crisa Santos Arquitetos e foi doado à direção do Cemitério da Penitência. O monumento é de aço oxidado, com 39 metros de comprimento e quase 3 toneladas de peso, a obra foi batizada de Memorial In-finito. Essa escultura é considerada o primeiro memorial dedicado as vítimas da Covid-19 no Brasil (Abdalla, 2020).

Figura 5. Monumento instalado no Cemitério da Penitência, Rio de Janeiro. Fonte. Autoras, 2025.

O Monumento tem aproximadamente três toneladas e foi instalado em área verde revitalizada no Cemitério da Penitência, no Caju. O monumento em fita

remete a um movimento, com sequências irregulares de subidas e descidas. Segundo seus idealizadores a obra foi concebida a céu aberto para oferecer um local em que os visitantes possam meditar e se conectar com quem partiu. A escultura tem espaço para registrar 4 mil nomes de vítimas.

MEMORIAIS TEMPORÁRIOS

Existem, ainda, memoriais de natureza temporária, mas de expressividade como o National Covid Memorial Wall, na margem sul de Londres (Reino Unido). A partir de 2021, o memorial - um muro que recebe corações desenhados - foi criado pelo movimento *Covid-19 Bereaved Families for Justice UK* e fica localizado na frente do Parlamento do Reino Unido, em Westminster, e próximo de vários edifícios de órgãos do governo, inclusive, da residência oficial do então primeiro-ministro, Boris Johnson.

Ao longo de um muro, ao lado do hospital de St. Thomas e junto ao centro de vacinação, na beira do rio Tâmisa, as pessoas são convidadas a escreverem mensagens nos inúmeros corações pintados com tinta na cor vermelha e rosa. O muro tem cerca de 150 mil corações, que tem a função de representar aqueles que se foram.

Figura 6. O National Covid Memorial Wall, em Londres. Fonte. Kelly Foster, 2021. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_National_Covid_Memorial_Wall,_London,_2021-04-16_04.jpg. Acesso em: 10 set. 2025.

Cabe nota de um memorial idealizado como uma arte efêmera em Bedworth (Inglaterra), batizado de “Sanctuary” (“Santuário”). Foi construído em um parque público e seu idealizador foi o artista californiano David Best, apoiado pela organização Artichoke. O Santuário foi desenhado no formato de um

pagode oriental, com uma estrutura de 20 metros de altura, delicadamente construída em madeira. Os cortes mais detalhados foram feitos por computador, o aspecto final gerado pode ser associado com uma complexa trama de rendilhados ou, ainda, arabescos[15].

Criado para oferecer aos familiares e amigos um lugar para encarar o sofrimento e processar as emoções, o memorial inglês ficou aberto ao público por oito dias. Os visitantes eram convidados a deixar mensagens no local. Ao final desse período, o templo foi queimado em uma cerimônia aberta. A ideia é inspirada na queima do templo que é o ponto alto do *Burning Man* (SANCTUARY: THOUSANDS GATHER..., 2022*)*, festival de arte e contracultura que acontece todo ano no deserto de Nevada, nos Estados Unidos.

Figura 7. O Sanctuary foi erguido com o propósito de acolher mensagens de lamento deixadas por seus visitantes em sua estrutura. Fonte. Sharon Cosford / Alamy, sem data.

O curioso é que a cidade de Bedworth foi escolhida por não ter nada de especial, para enfatizar o quão abrangente foi o impacto da pandemia e como é universal a necessidade de se encontrar um jeito de lidar com a perda de alguém amado.

[15] Um vídeo registrando a experiência, denominado “Sanctuary 2022: A Covid Memorial for the Nation” foi produzido pelo Artichoke. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gg0SxOt354M&list=PLCMvcEWUl6BhFtPHToEXYDgPAIVGUmTOS&index=3. Acesso em: 10 set. 2025.

CONSIDERAÇÕES

> […] apagamentos não ocorrem apenas na reelaboração dos manuais científicos ou na substituição de novas verdades por proposições antes aceitas como verdadeiras. Não dizem respeito apenas ao crescimento do saber. […] Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade" (Rossi, 2010, p.31-32).

Historicamente, monumentos de rememoração foram construídos para celebrar feitos heroicos ou lamentar perdas coletivas, com mensagens claras e didáticas. Somente nas últimas décadas é que surgem memoriais dedicados à memória de eventos traumáticos e vergonhosos, buscando preservar histórias que, muitas vezes, a sociedade preferiria esquecer. E justamente porque essas lembranças tendem a desaparecer com o tempo, torna-se essencial a existência de memoriais. É nesse contexto que se inserem os memoriais da Covid-19, com a potência de rememorar o trauma coletivo e contribuir para a interpretação de um momento histórico singular. Portanto, estes memoriais estimulam a reflexão e criam narrativas alternativas sobre os fatos relacionados à Covid-19, importantes no combate contra o negacionismo científico.

Para cumprir seu papel, um memorial precisa ter especificidade suficiente para comunicar claramente o que está sendo lembrado, mas também uma dose de abstração que permita múltiplas interpretações, sem se tornar unívoco ou redutor. Essa tarefa, no entanto, é complexa. Torre (2006) alertava para os riscos da espetacularização na construção de memoriais de eventos traumáticos, principalmente a partir da virada dos anos 1990 para os anos 2000. Segundo ele, há um perigo real de que o discurso da memória, ao se tornar excessivamente genérico e transnacional, acabe desconectando esses monumentos das condições históricas específicas que deram origem às violações de direitos humanos que eles tentam representar.

> Mientras que los monumentos de siglos pasados buscaban olvidar dolorosos conflitos sociales usando las efigies de los lideres asociados com esas historias, los nuevos buscan representar los temas, conceptos y emociones asociados com ellos. Por eso teremos que estar alertas del perigro de que el discurso transnacional de la memoria que inscribe, y es inscrito, por estos nuevos monumentos pueda ser tan general, tan genérico, que la memoria de cada violación de derechos especifica esté irrevocablemente separada de las condiciones históricas que la produjeron (Torre, 2006, p.17).

Nesse contexto, é fundamental reconhecer que os governos desempenharam papel decisivo — e, em muitos casos, falho — no enfrentamento da pandemia. Essa omissão ou má gestão precisa estar presente na construção da memória

coletiva. Assim, os memoriais dedicados à Covid-19 podem cumprir uma função vital: não apenas recordar as vidas perdidas, mas também problematizar as ações (ou inações) das autoridades e provocar reflexões sociais que estimulem mudanças estruturais. Dessa forma, esses espaços não apenas honram o passado, mas também ajudam a construir um futuro mais justo e consciente.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Sharon. Primeiro monumento às vítimas da Covid-19 no Brasil é inaugurado no Rio de Janeiro. *Archdaily*, 30 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/948714/primeiro-monumento-as-vitimas-da-covid-19-no-brasil-e-inaugurado-no-rio-de-janeiro. Acesso em: 28 fev. 2024.

ABREU, José Guilherme. Arte pública e lugares de memória. *Revista da Faculdade de Letras*. Ciências e técnicas do património. Porto, I Série, vol. IV, pp. 215-234, 2005. Disponível em: https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4944.pdf. Acesso em: 28 fev. 2024.

AMARAL, Andryo. Projeto propõe memorial às vítimas de Covid-19 em hospital de campanha no Acre. *Jornal do Acre*, 2ª Edição - Rio Branco, 16 de setembro de 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2021/09/16/projeto-propoe-memorial-as-vitimas-de-covid-19-em-hospital-de-campanha-no-acre.ghtml. Acesso em: 28 fev. 2024

BRÍNEZ, Ana Rocío Álvarez. COVID memorial dedicated at Kentucky Capitol. *Louisville Courier Journal*, 24 de maio, 2023. Disponível em: https://www.courier-journal.com/story/news/2023/05/24/covid-memorial-at-kentucky-capitol-remembers-18k-dead/70251769007/. Acesso em: 28 fev. 2024.

COVID MEMORIAL SCULPTURE UNVEILED IN BARNSLEY. *BBC*. Yorkshire, 22 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/news/uk-england-south-yorkshire-59373781. Acesso em: 28 fev. 2024.

CYMBALISTA, Renato. Sítios de consciência: história, trabalho em rede, arquivos. In: Castro, Ana Cláudia Scaglione Veiga de; Silva, Joana Mello de Carvalho e; Costa, Eduardo Augusto, orgs. *Arquivos, memórias da cidade, historiografias da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: FAUUSP, 2021. p. 246-264. Disponível em: https://doi.org/10.11606/9786589514091. Acesso em: 28 fev. 2024.

DUNKER, Christian. Teoria do luto em psicanálise. *Pluralidades em Saúde Mental*, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 28-42, jul./dez. 2019

INSTITUTO DE POLÍTICA PÚBLICA EM DIREITOS HUMANOS (IPPDH). Princípios fundamentais para as políticas públicas sobre lugares de memória. Buenos Aires: MERCOSUL, 2012. Disponível em: https://www.ippdh.mercosur.int/wp-content/uploads/2014/11/Sitios_de_memoria_FINAL_PR_INTERACTIVO.pdf. Acesso em: 28 fev. 2024.

FINAN, Victoria. Barnsley covid sculpture unveiled as town's leaders say it will act as memorial to over 900 dead. 23 de novembro, 2021. *The Yorkshire Post*. Disponível em: https://www.yorkshirepost.co.uk/health/coronavirus/barnsley-covid-sculpture-unveiled-in-poignant-ceremony-3467534. Acesso em: 28 fev. 2024.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônios difíceis (sombrios). In: CARVALHO, Aline Carvalho; MENEGUELLO, Cristina. *Dicionário temático de patrimônio* – Debates contemporâneos. São Paulo: Editora da Unicamp, 2020.

MENEGUELLO, Cristina; PISTORELLO, Daniela. Apresentação - Patrimônios difíceis e ensino de História: uma complexa interação. *Revista História Hoje*, v. 10, n.19, p.4–11, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.20949/rhhj.v10i19.775. Acesso em: 28 fev. 2024.

LADD, Sarah. Kentucky officially unveils COVID-19 memorial in Frankfort. Kentucky. *Lantern*. 24 de maio, 2023. Disponível em: https://kentuckylantern.com/2023/05/24/kentucky-officially-unveils-covid-19-memorial-in-frankfort/. Acesso em: 28 fev. 2024.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

LOCKBUND SCULPTURE FOUNDRY. Barnsley Covid Memorial. *Lockbund Foundry UK*. 2023. Disponível em: https://www.lockbundsculpturefoundry.co.uk/barnsleycovidmemorial. Acesso em: 28 fev. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Covid-19: situação epidemiológica do Brasil até a SE 36 de 2023. Portal Sou Gov, 12 de setembro de 2023. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19/informes-semanais-covid-19/covid-19-situacao-epidemiologica-do-brasil-ate-a-se-36-de-2023. Acesso em: 28 fev. 2024.

MORAES, Wesley. Memorial às Vítimas da Covid-19 é inaugurado pelo governo do Acre. *Agência de notícias do Acre*. 12 de janeiro de 2022. Disponível em: https://agencia.ac.gov.br/memorial-as-vitimas-da-covid-19-e-inaugurado-pelo-governo-do-acre/. Acesso em: 28 fev. 2024.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 2. ed. Mem Martins: Europa-America, c1970. 326p. (Biblioteca universitaria, 19).

NAIDU, Ereshnee. *Da memória à ação*: Um kit de ferramentas para memorialização em sociedade Pós-Conflito. Tradução de Juliana Oliveiro Carlos. Brasília (DF): Ministério da Justiça. Comissão de Anistia, 2010. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/comissao-de-anistia/anexos/m2a-portugues-miolo-1.pdf. Acesso em 02 set.2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: *Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, v.10, 1993 (Tradução: Yara Aun Khoury). Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101. Acesso em: 28 fev. 2024.

OLIVEIRA, Dhiene Santana Araújo; BISCONCINI, Karen Pereira; GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello. Processo de luto diante da pandemia: repercussões frente à Covid-19 no Brasil. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 23, p.499-516, 2020. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/51591/33677. Acesso em: 22 fev. 2024.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso. Monumentos catástrofes: entre a barbárie e a cultura. *História Revista*, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 218–239, 2021. Disponível em: https://revistas.ufg.br/historia/article/view/68610. Acesso em: 30 ago.2025.

PLATERO, Martín Gómez. Global Memorial to the Pandemic: A Place of Tribute to Life and Nature. *Havard Review of Latin America*, Jun 10, 2021, Eyes on COVID-19. Disponível em: https://revista.drclas.harvard.edu/global-memorial-to-the-pandemic/. Acesso em: 28 fev.2024.

QUADRAT, Samantha Viz; SILVA, Izabel Pimentel da (Orgs.*). Lugares De Memória E De Consciência Na América Latina*. Tempo, Volume: 27, Número: 1, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/i/2021.v27n1/. Acesso em: 28 fev. 2024.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória e o esquecimento* – seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Ed.UNESP; 2010. (CAP.1) p.15-38.

SANCTUARY: THOUSANDS GATHER TO SEE BEDWORTH COVID MEMORIAL BURNED. *BBC*. West Midlands. 29 de maio de 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/news/uk-england-coventry-warwickshire-61623676. Acesso em: 28 fev. 2024.

SEGAL, David. Why Are There Almost No Memorials to the Flu of 1918? *New York Times*, May 17, 2020, Section BU, Page 1 . Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/05/14/business/1918-flu-memorials.html. Acesso em: 28 fev. 2024.

TORRE, Susana. Ciudad, memoria y espacio público: el caso de los monumentos a los detenidos y desaparecidos. *Memoria y Sociedad*, Bogotá, Vol. 10, n. 20, p. 17-24, jan-jun. 2006. Disponível em: https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/memoysociedad/article/view/8118. Acesso em: 28 fev. 2024.

Inês El-Jaick Andrade: Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Arquiteta da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (FIOCRUZ). Membro associado do ICOMOS-BRASIL.

Débora El-Jaick Andrade: Pós-doutoranda na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do Laboratório de História Política e Cultura (UFF). Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em História Comparada (UFRJ).

Texto recebido em: 08/02/2025

Texto aprovado em: 12/09/2025